

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO MUSICAL PARA SURDOS: UM CASO ESPECIAL?

Ana Caroline da Silva Santana

Rio de Janeiro

Junho de 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

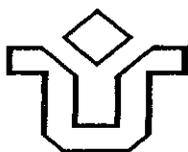
EDUCAÇÃO MUSICAL PARA SURDOS: UM CASO ESPECIAL?

Ana Caroline da Silva Santana

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada ao Curso de Pedagogia da  
Escola de Educação do Centro de  
Ciências Humanas da Universidade  
Federal do Estado do Rio de Janeiro  
(UNIRIO), como requisito para obtenção  
do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Pedagogia  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita Maria  
Manso de Barros

Rio de Janeiro  
Junho de 2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH  
Escola de Educação – EE  
Departamento de Didática - DID

**MONOGRAFIA II**

ALUNO(A)/matrícula: \_\_\_\_\_

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO:  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

ORIENTADOR(A): \_\_\_\_\_

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL**

PRIMEIRO AVALIADOR  
Professor convidado: \_\_\_\_\_

Nota : \_\_\_\_\_

Considerações:  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**SEGUNDO AVALIADOR**

Professor orientador: \_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

Considerações:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**TERCEIRO AVALIADOR**

Professor de Monografia II: Janaina S.S. Menezes

Nota : \_\_\_\_\_

Considerações:

---

---

---

---

---

---

---

---

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final

## AGRADECIMENTOS

Foram muitos os que contribuíram para a conclusão desse trabalho.

Meus mais profundos agradecimentos...

- ... à Deus, motivo da minha existência e que me permite lutar pelos meus ideais e princípios, vivendo intensamente cada momento;
- ... à vida, pelas oportunidades que me foram proporcionada;
- ... aos meus pais e irmãs por fazerem parte da minha vida;
- ... à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Albernaz por não ter deixado que eu desistisse de pesquisar sobre esse tema, e por todo apoio e atenção;
- ... à Claudia Éboli, que tão prontamente se dispôs a me ajudar nessa pesquisa;
- ... à minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita Manso, pela orientação desse trabalho, pela paciência para/comigo e pelas palavras amigas ditas no momento em que eu muito precisava delas;
- ... à todos os professores da Unirio, pelos ensinamentos e momentos de trocas que me proporcionaram, principalmente a Prof<sup>ª</sup> Maria Ângela Corrêa;
- ... à toda equipe e a minha turminha da Colônia de Férias, pois foi a geradora das minhas inquietações e conseqüente interesse pela realização desse trabalho;
- ... às amigas que fiz durante esses quatro anos de faculdade, com as quais compartilhei momentos felizes e outros tristes, mas sempre juntas, enfrentando os obstáculos, descobrindo e nos redescobrimo:
  - ✓ Caren Regis, que além de tudo me traz pra realidade quando preciso;
  - ✓ Elizabeth Ramos, que com seu jeito doce e despreocupado tornou os momentos mais leves e engraçados;
  - ✓ Hilma de Lourdes, que mesmo de longe contribuiu para que eu não abandonasse os meus sonhos e objetivos;
  - ✓ Juliana Magalhães, por todo o apoio e incentivo que me oferece;
  - ✓ Sabrina Almeida, minha “mamy”, companhia para todos os momentos;
- ... à todos os meus colegas de turma que me acompanharam durante esses anos de faculdade;

... ao meu novo amigo Diogo Navia, com o qual aprendo e troco idéias  
sobre música, educação e vida de forma geral;  
... ao amigo Guilherme Freitas, pelos risos, momentos de escuta, incentivo e  
cumplicidade;  
... às amigas Caroline Martins, Luciana Andrade e Monique Monteiro que  
embora eu não lhes tenha dado a atenção que gostaria, sabem que nossa  
amizade permanece incondicionalmente;  
... aos meus amigos do Movimento Estudantil da Unirio, que me ensinaram a  
respeitar opiniões divergentes, parar para ouvir, indagar, opinar, argumentar e  
que é preciso lutar pelos princípios que se acredita, e mesmo que de forma  
micro e isolada, se faz importante que cada um faça sua parte, pois mesmo que  
não obtenha resultados imediatos, certamente surtirá efeitos futuros;  
... à todos os meus amigos do Centro Acadêmico Paulo Freire (Pedagogia/  
Unirio) - em especial à: Eduardo, Caren, Elizabeth e Douglas, por lutarem pela  
reativação do C.A.- que tão admiravelmente vem se posicionando frente as  
questões do curso e da universidade como um todo, lutando por uma  
universidade justa, igualitária e que sirva ao povo, influenciando não somente  
em minha formação acadêmica, mas como sujeito ator de minha história;  
... aos companheiros de luta que conheci, pela troca de experiências ao longo  
dos encontros, tais como FONEPe's, EFEPe's e Campo de Lutas;  
... à todos os meus colegas da Unirio, principalmente aos que mesmo  
tendo suas dúvidas sobre meu tema, contribuíram para a elaboração  
desse trabalho;  
... à Luan Yannick que contraditoriamente me ensinou sentimentos de  
gratidão e afeto x desconfiança e descrédito, mas que contudo,  
acreditou na elaboração deste trabalho;  
Não poderei deixar de agradecer aos meus professores do Ensino  
Fundamental e Médio, em especial às professoras Cláudia Affonso,  
Clementina e Denise, pois sem eles não teria chegado até a  
universidade.

## DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso...

... à Deus pois sem Ele eu nada seria;

... à todos que duvidaram e não acreditaram em mim, pois sem eles não teria criado  
forças para enfrentar os obstáculos;

... à todos que acreditam nos sonhos e na vida;

... à minha orientadora, ao meu irmão e aos meus amigos.

Quem você pensa que é?

A diferença, o medo, o respeito

Queria falar das angústias, dos preconceitos

Mas o que é diferente?

Do que devo ter medo?

De quem devo ter pena?

O esconderijo dos homens, a fuga atroz

É isso, fugimos de nós

Do outro, da dificuldade, da vida

Tenho medo de não tentar, de não lutar, de não acreditar

Tenho pena do burguês que enfrentará o povo que é explorado

Tenho respeito pelo trabalhador

que tem que comprar o pão para se alimentar

O diferente, o deficiente, o louco, o poeta, o inconseqüente

Você sabe quem é ele nessa imensidão?

O que eles representam para essa sociedade?

O nada, o tudo, o vulto.

Que olhemos para o outro e nele veremos

A vida, a descoberta, a admiração,

A possibilidade de superação.

Nós só precisamos disso,

Da possibilidade de transfigurar, de aceitar, de mudar.

Caren Victorino Regis

## RESUMO

A educação, entendida como não se restringindo apenas a ofertada em espaços formais, passa por contínuos e constantes processos de transformações, que ocorrem através da interação com a sociedade, sendo influenciada por questões políticas, filosóficas e sociais. Embora existam leis que garantam o acesso à educação para todos, nem sempre estas são cumpridas, como no caso de pessoas deficientes. Embora haja leis para sua inclusão, estas são freqüentemente segregadas do processo totalitário. Partindo desta premissa, este trabalho discorre sobre a influência da música na educação do sujeito, principalmente na educação de pessoas surdas. Primeiramente, é apresentada visões sobre a educação e o papel do educador no processo de ensino-aprendizado do aluno. Em seguida, abordou-se conceitos referentes à música, à necessidade do *escutar* e não somente ouvir, e a inserção da música na escola e suas contribuições. Discutiu-se ainda a importância da família para o desenvolvimento do sujeito como um todo. Prosseguiu-se apresentando algumas questões relacionadas à surdez, e por fim, algumas possíveis conclusões para a existência de poucas pesquisas envolvendo música e surdos.

### Palavras Chaves:

Música. Educação. Surdo. Escola. Família. Preconceito.

### Abstract

The education, understood not only the one that is offered in formal spaces, passes for continuous and constants processes of transformations, that occur through the interaction with the society, being influenced by questions politics, philosophical and social. Although it exist laws that guarantee the access to education for all, nor always these are made, as in the case of deficient people, that even so have laws for its inclusion, these frequently are segregated from the totalitarian process. Leaving of this premise, this work discourses on the influence of music in the education of the citizen, mainly in the education of deaf people. First, it is presented visions on the education and the paper of the educator in the process of teach-learning of the pupil. After that, they are boarded referring concepts to music, the necessity of listening, and to not only hear, and the insertion of music in the school and its contributions. In another chapter, the importance of the family for the development of the citizen is boarded as a whole. It is continued presenting some questions related to the deafness, and finally, music and deaf people are raised some possible conclusions for the existence of few research having involved.

### Keys Words:

Music. Education. Deaf. School. Family. Prejudice.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Educação	
2.1. Educação, apresentação de algumas visões.....	13
2.2. Escola: educador, qual é o seu papel?.....	16
2.3. A Família na formação do sujeito.....	19
3. Música	
3.1. A Música.....	20
3.2. Escutar e não somente ouvir.....	24
3.3. Contribuição da música na escola.....	26
3.4. Educação Musical.....	27
4. Surdo.....	31
5. Conclusão.....	34
Referências Bibliográficas.....	36

## EDUCAÇÃO MUSICAL PARA SURDOS: UM CASO ESPECIAL?

### 1. Introdução

No começo do ano de 2007, tive a oportunidade de participar como monitora de uma turma de surdos numa colônia de férias da zona sul do Rio de Janeiro. A turma era composta por onze (11) crianças e adolescentes com idades variadas, e algumas apresentando, além da surdez, outros problemas de saúde, tais como *autismo*<sup>1</sup>, *paralisia cerebral*<sup>2</sup>, *hiperativismo*, e um menino com uma síndrome não catalogada, que ainda encontra-se em estudos pelos médicos.

Num primeiro momento fiquei com receio, pois como não sou usuária de LIBRAS<sup>3</sup> fiquei muito preocupada em como seria nossa comunicação, e em como nos faríamos entender uns aos outros. Confortava-me saber que um outro monitor que trabalharia comigo, sabe LIBRAS<sup>4</sup> e já possuía certa experiência por ser professor de uma turma de educação infantil de surdos, em Niterói. Outro fato que me transmitia segurança era saber que eu não estava totalmente perdida no contexto, pois ao longo do curso de Pedagogia obtive um bom embasamento teórico, através do qual desenvolvi maior confiança para lidar com as inter-relações. Destaco as matérias relativas à Educação Especial, onde pude me aprofundar melhor sobre como contribuir, desenvolvendo um trabalho mais apurado nessa área que sempre despertou minha

---

<sup>1</sup> De acordo com o Dicionário Digital de Termos Médicos 2007, autismo é uma introversão mental, em que a atenção ou interesse ficam voltados para o próprio ego do paciente.

<sup>2</sup> “Grupo heterogêneo de transtornos motores não-progressivos causados por lesões cerebrais crônicas, que se originam no período pré-natal, período perinatal ou primeiros cinco anos de vida. Os quatro principais subtipos são: espástico, atetóide, atáxico e paralisia cerebral mista, sendo a forma espástica a mais comum” (DICIONÁRIO DIGITAL DE TERMOS MÉDICOS, 2007).

<sup>3</sup> Segundo a LEI N. 10.436 de 24 de Abril de 2002: “Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.”

<sup>4</sup> Língua Brasileira de Sinais

curiosidade. No semestre anterior a minha participação na colônia, cursei duas matérias: Educação Especial e Tópicos Especiais em Educação Especial, onde tive acesso a bastante material sobre surdez, educação para surdos, sempre se destacando o preconceito e estigma arraigado com o tema *surdo*.

A colônia de férias só funcionava pela parte da manhã – das 8h às 11h45 -, sendo as atividades planejadas de forma que todas as turmas realizassem todas ou grande parte, das atividades destinadas ao grupo no qual a turma estava enquadrada ao longo da colônia. A separação do grupo ocorria da seguinte forma<sup>5</sup>:

- ✓ até dez (10) anos de idade;
- ✓ os adolescentes: de onze (11) a quatorze (14) anos de idade;
- ✓ e os especiais: uma turma de surdos, a qual eu acompanhei, e mais duas (2) turmas com aqueles que não se encaixavam no dito “padrão normal”. Estas outras turmas eram compostas de pessoas de idades variadas. Muitos com Síndrome de Down, mas de forma geral era uma turma com um perfil muito discrepante: havia um menino pequeno muito alérgico, uma adolescente que por causa da paralisia cerebral não possuía controle sobre nenhum movimento de seu corpo, não fala e faz uso da cadeira de rodas, necessitando de alguém para conduzi-la; e um senhor esquizofrênico<sup>6</sup>.

Em algumas atividades, as três turmas de alunos especiais estavam juntas: nos dois passeios, nas atividades de tempo livre, acampamento, nas atividades da praia e na

---

<sup>5</sup> No ano de 2008 essa divisão foi revista: continuaram quatro turmas de adolescentes, porém não mais divididas por idade: uma de onze anos, outra de doze e assim por diante, mas sim, misturadas em cada turma adolescentes de todas as idades. Na turma de especiais houve uma mudança: passou a ser separada por idade, e não mais uma turma de surdos e os outros.

<sup>6</sup> Distúrbio mental que se caracteriza pela divisão ou fragmentação da personalidade e a ocorrência de sintomas que assinalam a sua progressiva deterioração. (DICIONÁRIO DIGITAL DE TERMOS MÉDICOS 2007).

hora do lanche. Em outras poucas atividades, a turma que era monitora<sup>7</sup>, ficava junto com turmas “normais”, como ocorria nas atividades na piscina. Era muito interessante observar que entre elas, no momento em que estavam brincando e desenvolvendo as tarefas pedidas, não havia diferença de si; ambas estavam dispostas a cumprir o objetivo que lhes tinha sido proposto como, por exemplo, no caso de uma atividade cujo objetivo era trabalhar em equipes (as turmas foram misturadas), de forma a garantir que os objetos dados fossem levados de uma borda a outra da piscina de forma rápida e segura. Nessas horas é que voltava o meu questionamento do por que de uma turma só com surdos? Por que não inclui-los nas demais turmas? Até onde seria válida essa separação?

O planejamento das atividades estava ocorrendo dentro do esperado, até que ocorreu um “erro”, forma como se referiu uma das coordenadoras, e a minha turma foi parar na oficina de percussão. Chegando lá, os oficinairos<sup>8</sup> não sabiam que iriam aplicar a oficina para uma turma de surdos, e por isso não haviam preparado nada em especial, ficando surpresos e sem saber o que fazer. Após uma breve discussão, ficou resolvido que fariam do mesmo modo como costumam realizar comumente sua oficina e assim foi feito. Num primeiro momento foi uma bagunça total, ninguém se entendia, ainda mais porque como havia vários instrumentos de percussão, as crianças estavam loucas querendo mexer em todos. Mas depois de algum tempinho, quando já estavam menos alvoroçadas, foram colocadas em círculo, cada uma com um instrumento e orientadas a seguir as instruções de um dos oficinairos. Ele foi instruindo para que elas tocassem de

---

<sup>7</sup> A função que o monitor exercia era a de levar a turma para as atividades programadas, auxiliando os professores na realização dessas atividades. Nos momentos de atividades livres da turma, era o responsável por coordená-las. Também era responsável por acompanhar a turma durante os passeios e hora do lanche.

<sup>8</sup> Profissionais, em geral professores, que aplicavam as oficinas.

forma rítmica e coordenada, variando o andamento<sup>9</sup> e dividindo o grupo, ao comando de um dosicineiros, criando um efeito de perguntas e respostas ao batuque dos instrumentos. Ao final, todos ficaram surpresos com o resultado super positivo, já que se pensava que a turma, por ser de surdos, não iria primeiro se interessar pela oficina (música e instrumentos) e, segundo, não se acreditou que poderiam tocar os instrumentos de forma a produzir música, estando presente nesta uma intenção na sua transmissão. A partir de então, várias perguntas me consumiam, como por exemplo, por que estava no planejamento a oficina de dança para a turma, e a da percussão não, se ambas tem como base a música?

Através dessa oficina de percussão, aumentou meu interesse em pesquisar sobre os surdos, a influência da família, as relações deles com a sociedade, e principalmente com a música ficou mais forte, pois foi a partir dessa experiência que pude vivenciar questões abordadas nos textos e ao longo da faculdade. Entre estas questões destaco algumas tais como: a formação dos profissionais; a falta de veiculação da informação que faz com que, a sociedade em geral, não saiba como agir perante os surdos, sendo derivados mitos e preconceitos, com os quais passa os surdos a serem vistos como diferentes do “padrão”, “não capazes”, sendo agrupados separadamente, gerando, assim, a exclusão deles por parte da sociedade; a importância e influência que tem a família na vida do sujeito, já que é a primeira instituição formadora/educadora; dentre outros.

Acredito ser a educação uma resposta aos estímulos do próprio organismo humano e das condições do mero ambiente, que determinam a direção do processo educativo, sendo, portanto, um processo social. Educação é um “processo de reconstrução e reorganização da experiência” (DEWEY, 1952: 10). Por tal motivo, acredito que o surdo, bem como qualquer indivíduo, pode aprender qualquer coisa desde

---

<sup>9</sup> Indicação da duração absoluta do som e do silêncio determinando precisamente o valor das figuras. (MED, 2006).

que incentivado e estimulado através do apoio da familiar, e lhe sejam disponibilizadas condições adequadas. Certamente, não se pode negar que cada sujeito possui sua subjetividade que difere dos demais, e por assim ser, a forma como ocorrerá o processo ensino-aprendizagem será único para cada sujeito, podendo apresentar para alguns, facilidades enquanto que para outros surgirão restrições e dificuldades. Então, por que não seria possível a educação musical para surdos?

Na verdade, ouvir é uma atividade do silêncio, uma vivência da concentração, um abandono de si e gesto puro de entrega; portanto, seria necessário silenciar-se e concentrar-se, abandonar seu ego e se entregar para saber ouvir: e quem de nós está pronto? (GELEWSKI: 1973: 10).

Para apreciar uma música, é necessário principalmente ir além da audição<sup>10</sup>. É preciso que haja a entrega de maneira que seja permitido que a música atravesse as possíveis barreiras, chegando realmente até ao sujeito. Logo, independente de ouvinte ou surdo, se faz necessário que o indivíduo esteja totalmente disposto a escutá-la, não bastante, simplesmente ouvi-la, o que não é uma tarefa fácil.

Infelizmente não há muita pesquisa no campo acadêmico voltada para a educação musical de surdos, e por isso a bibliografia que utilizarei será restrita, detendo-me, até o presente momento, a poucas publicações de sites da Internet que abordam especificamente esse assunto e a alguns textos que estudei ao longo do curso e pesquisei sobre educação especial e surdos a fim de propiciarem minha fundamentação teórica.

---

<sup>10</sup> Segundo o dicionário DEFINIR online, audição seria a percepção de sons pelo ouvido.

## 2. EDUCAÇÃO

### 2.1. Educação: apresentação de algumas visões

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.

Jean Piaget

Até meados dos anos 50, no Brasil, a atenção às pessoas com deficiência era baseada no Paradigma de Institucionalização e se caracterizava pela segregação de pessoas com deficiência em instituições residenciais ou escolas especiais em lugares distantes de suas famílias. Somente a partir da década de 60, esses paradigmas começaram a ser questionados iniciando um processo de reflexão e crítica sobre os direitos das minorias, tendo como fundamento a Declaração dos Direitos Humanos (1948), sobretudo no item que afirma que: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”.

Olhando por uma visão psicanalítica, educar, para Freud (1937), é a mais difícil de todas as profissões, seguida de governar e psicanalisar: todas tratam de singularidades, tratando cada caso um a um. Ele vê a educação não como sinônimo de pedagogização ou instrução, mas como sendo a responsável, sobretudo, por colocar limites à pulsão, uma vez que “a satisfação pulsional só pode se dar pelos limites impostos pelas suas margens” (MANSO DE BARROS e OLIVEIRA, 2004: 97). Tal tarefa não é nada fácil, já que no caso de haver um excesso de repressão à pulsão,

doenças psíquicas poderão ser geradas no indivíduo, ou por outro lado, ao ceder freqüentemente aos caprichos da criança, o adulto poderá tornar-se escravo da mesma.

Celestin Freinet (1896-1966) tinha como objetivo básico para a educação desenvolver uma escola popular, pois, na sua concepção, a sociedade é plena de contradições que refletem os interesses antagônicos das classes sociais que nela existem, sendo que tais contradições penetrariam em todos os aspectos da vida social, inclusive na escola. Acreditava que a relação direta do homem com o mundo físico e social seria feita através do trabalho (atividade coletiva), e que liberdade seria o que fosse decidido em conjunto.

Dewey (1859-1952) destacava que não deveria existir qualquer separação entre a vida e a educação, devendo ser esta, a educação, uma eterna reconstrução de experiências pelo trabalho. (ANTUNES, 2001).

Assim como os autores anteriormente citados, existem diversos outros que falam sobre educação, mas a escolha por tais autores se deu uma vez que os mesmos vêm a educação como um *processo*, ou seja, que envolve construção e reconstrução, entendendo que embora não seja uma tarefa fácil, é possível ocorrer.

Nas últimas décadas, vem-se debatendo sobre uma educação que contemple e respeite a diversidade como característica do ser humano a partir de uma formação plena e inclusiva, considerando as características individuais a partir das relações que se estabelecem no contexto em que o sujeito está inserido. Todo sujeito possui limitações, mas só saberão até onde podem ir se tentarem.

Em relação à formação do professor para a educação especial com a organização escolar, segundo a Resolução do Conselho Nacional de Educação n. 02/2001 (CNE), abordada por Michelis (2006), pode haver dois modelos de professores a atuarem com educação especial, que seriam os *capacitados* - podem ser formados tanto em nível

médio quanto no superior, sendo incluído ao currículo destes conteúdos sobre educação especial; eles têm como tarefa perceber quais seriam os possíveis alunos com necessidades educacionais especiais e desenvolver com os mesmos atividades ou ações pedagógicas em sala de aula; e os *especializados* - formados em nível superior ou de especialização, sendo os responsáveis pela organização das ações pedagógicas a serem desenvolvidas pelos "professores capacitados".

## 2.2 Escola: educador, qual é o seu papel?

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubens Alves

Ainda nos dias atuais, a maioria das escolas<sup>11</sup> adota o método tradicional como forma de ensino, tendo como fatores importantes, segundo sua visão, a aplicação de provas e notas, onde o objetivo nem sempre é o de verificar se o aluno consegue relacionar o conteúdo aprendido com seu cotidiano, mas sim de classificar o quanto ele foi capaz de reproduzir o que foi dito por seu professor e pelos livros que leu.

Assim sendo, o processo de ensino-aprendizagem ao invés de ser um ato prazeroso, despertando a curiosidade do aluno e o gosto pelo estudo, pode lhe causar repulsa, desgaste, levando-o, em alguns casos, a sua não permanência na escola,

<sup>11</sup> Escola sendo entendida como a institucionalização da educação.

principalmente quando se utiliza a prova como instrumento único de avaliação, não sendo levado em consideração o processo e, sim, somente o resultado.

Do que adianta o professor saber várias técnicas e/ou usufruir de tecnologia de ponta, não descartando a sua importância, e na hora de por em prática não ser capaz de perceber as dificuldades e necessidades de seus alunos, não saber impor limites, sendo como uma “máquina”, no sentido em que entra na sala de aula, faz seu discurso previamente pronto, sem que se haja uma preocupação em saber o que está acontecendo com os alunos, se estão compreendendo, se possuem dúvidas? Como defende Freinet (1896-1966), o educar não é um dom, mas o resultado de uma construção/processo.

O educador deve ter sempre em mente que a identidade é algo que está em constante construção, recebendo influência dos diversos papéis sociais que o sujeito possui, papéis estes que variam conforme as diferentes situações com as quais ele se depara, como por exemplo, desempenhar o papel de filho, aluno, irmão, amigo, não havendo, necessariamente, a interferência de um no outro.

O educador deve também estar atento para não ser preconceituoso em suas falas e atitudes. No caso das inclusões escolares, como por exemplo, de alunos surdos que alguns estudiosos defendem possuírem uma cultura própria, deve-se tomar cuidado para que não apenas aceite, tolere, mas sim, compreenda-os, sendo esse um dos grandes desafios da escola. Que não somente permita a presença do dito “diferente”, seja essa diferença racial, social ou física, mas que o acolha verdadeiramente, e fomentando debates com os alunos, a fim de que não haja algum tipo de discriminação.

A cultura não deve se reduzir aos costumes, tradições estáticas, imutáveis, pelo contrário, deve-se buscar ir além do que se enxerga, visando encontrar a essência, estando intrinsecamente abarcadas questões políticas. Toda cultura está em processo de desenvolvimento, embora cada uma tenha seu modo exclusivo de interpretar o mundo

ao seu redor. Muitas vezes, pelo julgamento de ser sua língua, dentre outras, a melhor, a mais correta e natural - dicotomia: “eu” visto como algo positivo e os “outros” de forma inferior e/ou negativa -, presença de etnocentrismo<sup>12</sup>, sendo gerado, a partir de então, a discriminação do comportamento alheio e o início dos conflitos sociais. Conforme afirma o professor Flávio Chame Barreto em um de seus artigos online<sup>13</sup>:

Todos os sistemas culturais fazem com que as pessoas vivam numa sociedade etnocêntrica, isto é, **os indivíduos tendem a ver seu sistema de valores, crenças e normas como melhores do que os dos outros. Esse etnocentrismo leva à intolerância**, e a intolerância leva, por sua vez, **ao conflito e às tensões** (grifos do autor).

A questão da cultura encontra-se muito presente nas relações e debates que ocorrem sobre surdos, pois estudiosos debatem sobre a existência ou não de uma cultura própria do surdo.

Assim sendo, é importante que o educador em suas aulas procure abordar tal tema, dialogue com seus alunos. Em casos de turmas de inclusão, seria interessante que ele abordasse sobre o tipo de deficiência do(s) aluno(s) incluídos, de forma a esclarecer que este é semelhante aos demais, porém com algumas limitações mais nítidas (já que limitações todos possuem).

### 2.3. A Família na formação do sujeito

É a família a primeira instituição educadora do sujeito, devendo ser de responsabilidade dos que exercem a função de pais irem limitando as ações das crianças. É importante que as se proibir a satisfação da pulsão da criança, seja oferecida outra possibilidade a ela, explicando e conversando sobre o motivo para tal limite.

---

<sup>12</sup> De acordo com Rocha (1984), etnocentrismo é “uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados (...) através dos nossos valores...”.

<sup>13</sup> [http://www.flaviobarreto.bio.br/superior/aula\\_informacao\\_conflito\\_etnocentrismo.pdf](http://www.flaviobarreto.bio.br/superior/aula_informacao_conflito_etnocentrismo.pdf).

Família é a unidade básica de desenvolvimento e experiência, realização e fracasso, saúde e enfermidade. É o primeiro grupo a que pertence o indivíduo e onde ele tem a oportunidade de aprender através de experiências positivas (afeto, estímulo, apoio, respeito, sentir-se útil) e negativas (frustrações, limites, tristezas, perdas,) todas elas fatores de grandes importância para a formação de sua personalidade (ACKERMAN *apud* CORRÊA, 2003: 147).

A família contribuirá desde o nascimento para a formação do sujeito, pois será ela a responsável por seus cuidados iniciais - alimentação, vestimenta, dentre outros -, por sua educação e inserção no espaço formal de educação, a escola. Infelizmente há casos em que a família não acredita que o sujeito seja capaz de realizar determinada ação. Principalmente no caso de crianças deficientes, tal descrédito contribuirá para o preconceito, na medida em que não aceitando a deficiência ou diferenciando a criança, podem estar inferiorizando-a. Ao invés de discriminar, a família deveria ser a primeira a lutar para romper com possíveis estereótipos e preconceitos sofridos por seus filhos.

Um exemplo dessa discriminação seria famílias de surdos que não acreditam que este possa ter contato com a música, e por tal razão não oferecem o contato com ela. Por outro lado, há casos, onde a família visando proteger seus filhos acaba por mimá-los demasiadamente, e não incentivando sua auto-independência. A família deve fornecer condições para o desenvolvimento do sujeito, limitando quando preciso, apoiando e fornecendo os recursos necessários para sua formação.

### 3. Música

#### 3.1. A Música

Tenho por objetivo nesse capítulo apresentar algumas concepções relativas à música a partir de alguns questionamentos.

Há algum tempo atrás conversando com um amigo, foram levantadas as seguintes questões: Se o canto do pássaro pode ser considerado *música*, poderia uma seqüência de assobios que executo também assim ser considerada? Poder-se-ia chamar qualquer som<sup>14</sup> de *música*? O que viria a ser *música*? Existiria a *música* antes de ser ouvida, já que cada sujeito tem uma vivência única, destinta e exclusiva de uma mesma *música*?

Segundo a Enciclopédia WIKIPÉDIA online<sup>15</sup>, a música constitui-se basicamente de uma sucessão de sons e silêncio organizada ao longo do tempo, podendo ser considerada como uma prática cultural e humana, pois atualmente, não se conhece nenhuma civilização ou agrupamento que não possua manifestações musicais próprias. Possui diversas utilidades, tais como uma forma de arte, militar, educacional ou terapêutica (musicoterapia), tendo presença central em diversas atividades coletivas, como os rituais religiosos, festas e funerais. Sendo a “arte do efêmero” abarca o físico e o emocional, não podendo ser completamente conhecida e por tal razão sendo difícil uma simples definição, mas pode-se dizer que um dos poucos consensos é que ela consistiria em uma combinação de sons e de silêncios que se desenvolvem ao longo do tempo.

---

<sup>14</sup> Entende-se som por: “a propagação de uma frente de compressão mecânica ou onda longitudinal; esta onda se propaga de forma circuncêntrica, apenas em meios materiais – que têm massa e elasticidade, como os sólidos, líquidos ou gasosos, quer dizer, não se propaga no vácuo.” Fonte: Wikipédia.

<sup>15</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal)

Existem diversas definições e conceitos acerca da música, dentre as quais se enquadram em duas grandes classes: uma **cuja abordagem é intrínseca, imamente e naturalista**, e a **funcional, artística e espiritual**, que considera antes de tudo uma arte dos sons e se concentra na sua utilização e percepção.

A abordagem naturalista defende a existência da música antes mesmo que ela seja ouvida, tendo uma existência autônoma na natureza e pela natureza, afirmando os adeptos desse conceito que “em si mesma, a música não constitui arte, mas criá-la e expressá-la sim”. Defende também ser a música um fenômeno natural e universal, pois enquanto ouvir música possa ser um lazer, aprendê-la e entendê-la seria resultante de disciplina, como considera a Enciclopédia WIKIPÉDIA online:

[...] por ser um fenômeno natural e intuitivo, os seres humanos podem executar e ouvir a música virtualmente em suas mentes sem mesmo aprendê-la ou compreendê-la. Compor, improvisar e executar são formas de arte que utilizam o fenômeno música.

Sob esse ponto de vista, não há a necessidade de comunicação ou mesmo da percepção para que haja música. Ela decorre de interações físicas e prescinde do humano.

Baseado na citação acima se tem, por exemplo, o soar de uma música derivada do deslocar do vento, que poder-se-á fazer presente independente da intervenção humana, já que se trata de um fenômeno da natureza, derivado dos efeitos das diferenças de pressão atmosférica.

Ao contrário da abordagem acima apresentada, a abordagem funcional, artística e espiritual defende não poder funcionar a música ao menos que esta seja percebida, ou em outras palavras, não haveria música sem uma obra musical, estabelecendo um diálogo entre o compositor e o ouvinte. A música vista como a arte de manifestar os afectos da alma, através do som (BONA, 1816-1878), caracterizando-a desta forma como: arte, com a intenção de transmissão de uma mensagem emocional; manifestação,

já que transmite e recebe uma certa mensagem, seja entre indivíduos e/ou emoções; e utilizando-se do som, pois defende que o silêncio sozinho não produz música.

Por considerar que a música só existe como manifestação humana, discorda ser ela um fenômeno natural, já que teria seu surgimento de um desejo humano de modificar o mundo de forma a torná-lo diferente do estado natural.

Segundo Med (1996), a música é a arte de combinar os sons simultânea e sucessivamente, com ordem, equilíbrio e proporção dentro do tempo, e vem sendo cultivada desde as mais recentes eras. Podendo ser considerada como uma prática cultural e humana, pois atualmente, não se conhece nenhuma civilização ou agrupamento que não possua manifestações musicais próprias. Obtendo, assim, diversas utilidades, tais como uma forma de arte, militar, educacional ou terapêutica (musicoterapia), tendo presença central em diversas atividades coletivas, como os rituais religiosos, festas e funerais. Sendo considerada, também, a “arte do efêmero”, abarcando o físico e o emocional, não podendo ser completamente conhecida e por tal razão sendo difícil uma simples definição.

Na infância, a música se faz importante, pois influi diretamente no desenvolvimento psíquico, mental, emocional, terapêutico, da auto-estima, organização, interação e na sensibilidade da criança, tornando-se uma forma de equilíbrio.

Para ouvir música, e mais que isso, para **escutar** música, é necessário criar, antes de tudo, um silêncio interior, o que não é tão fácil, já que o silêncio e a capacidade de interiorização, valores vitais para a vida, estão gradativamente se perdendo na vida moderna.

Não reconhecemos nela [música] nenhuma cópia reprodução de uma idéia dos seres no mundo; contudo trata-se de uma arte a tal ponto grandiosa e majestosa, a atuar tão imensamente sobre o que há de mais interior no homem, onde é compreendida com tal intensidade e perfeição, como se fosse uma linguagem totalmente comum, cuja

clareza ultrapassa mesmo a do próprio mundo intuitivo [...] (SCHOPENHAUER, *apud* HAGUIARA-CERVELLINI, 2003: 91).

### 3.2. Escutar e não somente ouvir

Escutar música pode ser fonte de emoções, pois assim que as vibrações sonoras são processadas no córtex auditivo, uma série de reações fisiológicas e psicológicas inicia-se, ativando o sistema límbico (unidade responsável pelas emoções), criando memórias emocionais que ficarão associadas à música ouvida, seja prazerosa ou indesejável. Aprender a escutar é difícil, e vai além de simplesmente ouvir, pois envolve a capacidade de se doar, se entregar, tornar-se disponível ao outro que está sendo ouvido, e valorizar o que ele diz, sendo preciso também controlar a ansiedade, já que:

Ouvir é se deixar aproximar pelo som e ter a noção de que ele está lá. É, em certa medida, se deixar passivamente invadir por ele. É se abandonar sem defesa, sem que haja, portanto, uma real percepção. É, por exemplo, permitir ao discurso do outro nos atingir sem uma verdadeira participação de nossa parte [...] Escutar é um engajamento total do corpo afim de que o ser que existe no interior desse corpo possa beneficiar-se daquilo que deseja perceber. A percepção em relação à sensação induz a necessidade de uma manifestação voluntária. Existe uma passagem ao ato que não é outra coisa senão a participação do sujeito chegando ao oferecimento de seu ouvido, de seu corpo e de seu sistema nervoso à mensagem musical ou verbal que ele deseja integrar. Esta escuta, poderíamos, é verdade, estudá-la sob diversos aspectos, desde a percepção do mundo circundante mais ou menos distante, até as bordas do universo interior [...] (TOMATIS, 1975: 122).

Nesse sentido, o hábito da escuta musical, junto com as atitudes requeridas para que a escuta ocorra, é educativo, não só para sala de aula, mas para a vida por mostrar que é possível parar, se entregar e contemplar, chegando-se, assim, ao autoconhecimento. Possui o poder de estancar reações de estresse no organismo: quando se ouve música, regiões específicas do cérebro são atingidas bloqueando a produção do cortisol (hormônio do estresse), impedindo sua circulação pelo organismo,

sentindo-se, a partir de então, efeitos calmantes. Um exemplo são as músicas com andamento lento, tempo regular, e que respeitem as normas da tonalidade que são as mais indicadas para acalmar crianças (PAREJO, 2008).

O modo como os elementos da estrutura musical estão organizados também produz emoções, atingindo-nos de maneira profunda, levando-nos ao experimento de sentimentos, tais como alegria, tristeza e entusiasmo. Para que a música nos “toque” emocionalmente é preciso envolver-se com sua estrutura, compreendê-la, fazendo uma representação mental dela, atribuindo-lhe, desse modo, sentido.

Por exemplo, quando ouvimos canções de ninar, estamos percebendo intuitivamente o encadeamento das estruturas musicais, observando as reações das pessoas e construindo em nós essas representações mentais sobre a música, que permanecem subentendidos e se manifestam sempre que evocadas em situações concretas; às vezes choramos ou nos entusiasmos, ficamos tristes e dizemos: “viajei com essa música”.

Atualmente encontra-se disponível a comercialização do software chamado I-Doser, que segundo o site Baixaki<sup>16</sup> (que oferece uma licença gratuita para teste), o programa tem por objetivo "criar sensações físicas através de sons que afetam seu cérebro, sem nenhum agente externo". Tal programa funcionaria a partir de envio de sons que estimulando o cérebro, elevaria ou baixaria as ondas cerebrais até determinada frequência, de forma a gerar o efeito desejado.

---

<sup>16</sup> <http://baixaki.ig.com.br/pesquisa.asp?nome=i+doser&tipo=1>

### 3.3. Contribuição da música na escola

A música ajuda a estimular a sensibilidade dos alunos, aumenta a capacidade de concentração, desenvolve o raciocínio lógico-matemático e a memória e, portanto, não deve estar desconectada do processo de ensino-aprendizagem da escola.

Pesquisas neuropsicológicas têm evidenciado vários benefícios da música nas habilidades de linguagem e leitura, em tarefas espaciais e temporais, habilidades verbais e quantitativas, concentração, atenção, memória e coordenação motora. Maria Spychinger realizou estudo que demonstrou que um currículo com incremento na parte musical, levou crianças a um maior domínio justamente de linguagem e leitura. Um exemplo de facilitação da música na aprendizagem da leitura seria justamente a habilidade de discriminar diferentes alturas, o que levaria à facilidade de compreender e emitir novos sons (SPYCHINGER, 1998).

O processo de alfabetização é bastante complexo para a criança, por isso é preciso respeitar seu processo preparatório; a música pode ser usada como um suporte para coordenação motora (como a dança), interpretação de texto, raciocínio lógico e ainda trabalhar dificuldades emocionais. O período propício para alfabetização seria entre 6 e 7 anos que, segundo Freud, é a chamada "fase latente": quando a criança já não tem mais tanto interesse no próprio corpo e no do sexo oposto, podendo ter grande parte de sua concentração voltada para o aprendizado porque esses interesses sexuais só voltarão a se manifestar na puberdade.

Sendo assim, a música pode ser usada como força geradora das atividades na escola, buscando a concentração do corpo da criança e atuando de forma poderosa sobre seu corpo e alma.

### 3.4. Educação Musical

Neste tópico, não serão descritas questões relativas a métodos, autores, e metodologias para o ensino de educação musical, pois além de ser um campo vasto, não se justificaria para este contexto. Objetiva-se abordar o questionamento existente de leis referentes ao ensino musical, e a forma romantizada pela qual vê-se a música, de forma a contribuir para uma possível resposta da falta de materiais sobre educação musical para surdos.

Conforme artigo de Maura Penna (2004), embora a legislação educacional estabeleça, há mais de 30 anos, espaço para a arte, em suas diversas linguagens nas escolas regulares de educação básica, tal espaço encontra-se marcado pela indefinição, ambigüidade e multiplicidade, devido às modificações sofridas com a implementação de leis. Penna, através de sua análise mostra que:

[...] desde a Lei 5.692/71, não há dispositivos legais de alcance nacional específico sobre o ensino de música na educação básica. Mesmo agora, com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental e médio, a música está subordinada ao campo mais amplo e múltiplo da arte como componente curricular, de forma que há apenas um espaço potencial para a música na escola (PENNA, 2004:19).

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece como obrigatório o ensino da arte como componente curricular nos diversos níveis da educação básica, visando o desenvolvimento cultural dos alunos. Porém, assim como os PCNs, não está estabelecido sob qual forma o ensino da arte deverá ocorrer, sendo apenas propostas quatro modalidades: *artes visuais*, que seria mais abrangente que as artes plásticas, *música*, *teatro* e *dança*; referindo-se tais documentos, assim, à todas suas possíveis modalidades, não sendo especificada como, por exemplo, dança ou música. De tal forma, o ensino de educação musical não se torna, necessariamente, obrigatório,

já que esta está inserida nas artes em geral. Outro fator que contribui para a ausência desta prática é a predominância do Romantismo, com o qual a música é: “fundada na teoria do dom” ficando “em aberto muitas questões, dentre elas a do papel do professor por se tomar a significação das manifestações artísticas como atrelada apenas a pessoas de sensibilidade normal” (DUARTE e MAZZOTTI, 2003).

Tendo por base Duarte (2007), entende-se música como um discurso e, portanto, para ser desenvolvida se faz necessário existir uma intenção, havendo uma relação com o outro ao qual se pretende transmitir seu “discurso”.

[...] qualquer fenômeno pode ser percebido e representado como música ou como algo musical pelas pessoas de um determinado grupo social, dependendo do significado ou sentido que lhe é atribuído na estrutura cultural particular. O fenômeno é percebido, representado e reapropriado pelas pessoas em suas trocas comunicacionais reconstruído no seu sistema cognitivo, integrado ao seu sistema de valores, conforme sua história e o contexto social e ideológico que as cerca [...] (DUARTE, 2007: 31-32).

Partindo desse conceito, qualquer indivíduo pode desenvolver práticas musicais: compor, executar, ouvir, desde que se tenha uma intenção para isso. Não podemos descartar o fato de que os sujeitos são diferentes e possuem subjetividades distintas e por isso há de existir limitações maiores ou menores entre eles durante o desenvolvimento de tais práticas.

No caso dos surdos, também é possível tal atuação, pois existem quatro níveis diferentes de surdez: *leve, moderada, severa e profunda*, que influenciam no nível de audição. Contudo, todos possuem algum resquício de audição, sendo que, nos surdos profundos, aqueles que “perdas auditivas maiores, o que dificulta bastante a aquisição da linguagem oral através da via auditiva [...]” (MARCHESI, 2004: 174); mesmo nesses casos, vale lembrar que existem métodos que possibilitam um aumento na audição, tais

como as próteses e o implante coclear. Outro fator a ser levado em consideração é que sons<sup>17</sup> são sentidos através de vibrações e impulsos elétricos que chegam ao cérebro<sup>18</sup>.

Tanto é possível a relação música e surdos, que se tem um caso conhecido que é o do músico famoso *Ludwig van Beethoven* (1770 – 1827), que progressivamente foi perdendo a audição, ficando em sua terceira fase completamente surdo, mas o que não lhe impediu de continuar com sua carreira musical: “O último concerto em que Beethoven, já incapaz de reger, (...) é um triunfo: executam-se a IX Sinfonia e trechos da Missa Silemnis” (CARPEAUX, 2005: 194). Foi com a IX Sinfonia que Beethoven se consagrou, sendo esta conhecida pelo todo o mundo.

Atualmente também existem outros casos, menos famosos e conhecidos, de músicos surdos. Infelizmente, devido ao curto tempo para elaboração deste trabalho, não houve a oportunidade de se analisar um desses casos, mas através do auxílio da Internet, e principalmente comunidades do ORKUT<sup>19</sup> e MSN<sup>20</sup>, pode-se ter uma breve conversa com pessoas que estudam e trabalham com música e surdos, que puderam constatar a possibilidade de tal trabalho.

Em artigo publicado pela Folha online<sup>21</sup> em Janeiro de 2005, há uma matéria falando sobre o *Projeto Surdodum*, que, segundo consta no título da reportagem, transformaria jovens surdos em músicos. Tal projeto se divide em três formações: a principal, que é a *Banda Show*, responsável pelas apresentações, sendo composta por oito surdos e cinco ouvintes; e mais duas formações intermediárias, compostas por cinco surdos cada, que estão sendo treinadas para futuras apresentações. Esse projeto não só é um exemplo que comprova ser possível a educação musical para surdos, como

---

<sup>17</sup> Segundo o Dicionário DEFINIR online<sup>17</sup> “sensação produzida no ouvido pelas vibrações dos corpos sonoros”.

<sup>18</sup> Maiores informação podem ser obtidas através de sites da Internet como por exemplo: <http://www.dfi.uem.br/dfi/salva.php?id=MCACUSTICA20053.doc>

<sup>19</sup> <http://www.orkut.com>

<sup>20</sup> Programa que permite a conversa online em tempo real.

<sup>21</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/noticias/gd030105c.htm>

como as próteses e o implante coclear. Outro fator a ser levado em consideração é que sons<sup>17</sup> são sentidos através de vibrações e impulsos elétricos que chegam ao cérebro.<sup>18</sup>

Tanto é possível a relação música e surdez, que se tem um caso conhecido que é o do músico famoso Ludwig van Beethoven (1770 – 1827), que progressivamente foi perdendo a audição, ficando em sua terceira fase completamente surdo, mas o que não lhe impediu de continuar com sua carreira musical. “O último concerto em que Beethoven já incapaz de ler (...), é um trinado: executam-se a IX Sinfonia e trechos da Missa Sínica” (CARVALHO, 2003: 194). Foi com a IX Sinfonia que Beethoven se consagrou sendo esta conhecida pelo todo o mundo.

Atualmente também existem outros casos, menos famosos e conhecidos, de músicos surdos. Infelizmente, devido ao curto tempo para elaboração deste trabalho, não houve a oportunidade de se analisar um desses casos, mas através do auxílio da Internet, e principalmente comunidades do ORKUT<sup>19</sup> e MSN<sup>20</sup>, pode-se ter uma breve conversa com pessoas que estudam e trabalham com música e surdos, que puderam constatar a possibilidade de tal trabalho.

Em artigo publicado pela Folha online<sup>21</sup> em janeiro de 2002, há uma matéria falando sobre o Projeto Zwerchow, que, segundo consta no título da reportagem, transformaria jovens surdos em músicos. Tal projeto se divide em três fases: a principal, que é a *Beethoven School*, responsável pelas apresentações, sendo compostas por oito surdos e cinco ouvintes; e mais duas fases intermediárias, compostas por cinco surdos cada, que estão sendo feitas para futuras apresentações. Esse projeto não só é um exemplo que comprova ser possível a educação musical para surdos, como

<sup>17</sup> Segundo o Dicionário DEFEIR online, “sensação produzida no ouvido pelas vibrações das cordas vocais”.

<sup>18</sup> Muitas informações podem ser obtidas através de sites da Internet como por exemplo:

<sup>19</sup> Programa que permite a conversa online em tempo real.

<sup>20</sup>

também rompe com o preconceito existente, juntando surdos e ouvintes num mesmo grupo.

Na comunidade online do Orkut feita para o projeto Surdodum<sup>22</sup>, tem-se que:

Desde agosto de 1995, o Projeto Surdodum tem por objetivo proporcionar aos alunos com deficiência auditiva de todos os graus e tipos, a participação em uma banda de percussão, ou seja, oferecer a integração musical por meio de um processo pedagógico- sócio-cultural.

O Surdodum é composto por vinte alunos, todos com deficiência auditiva. É dividido em grupos de dança, vocal e percussão. Conta ainda, com a participação voluntária de quatro músicos ouvintes: Alexandre Gregório (contrabaixista), Arnaldo Barros (guitarrista), Augusto Souza (tecladista) e Reinaldo Braz (percussionista).

Dessa forma, percebe-se que a educação musical se faz possível para todos desde que se tenha uma intenção para tal, não excluindo os surdos deste contexto. Vale salientar que não se está aqui defendendo que o surdo cante ou seja oralizado para tal realização, pois entende-se que a educação musical não está restrita a fala/canto, mas ela acontece de forma mais ampla, como por exemplo, por meio de instrumentos musicais. No caso dos surdos, o mais comum é a prática de instrumentos de percussão. Também é importante citar que existem corais de Libras praticado principalmente em igrejas evangélicas.

---

<sup>22</sup> <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=1463868>

#### 4. A surdez

A cegueira separa a pessoa das coisas. A surdez  
separa a pessoa da pessoa.

Hellen Keller

Uma surdez ou deficiência auditiva é qualquer alteração produzida tanto no órgão da audição como na via auditiva. Pode ser de origem congênita, causada por viroses maternas, doenças tóxicas desenvolvidas durante a gravidez ou adquirida, causada por ingestão de remédios que lesam o nervo auditivo, exposição a sons impactantes, viroses, predisposição genética, meningite etc.

Os principais fatores que irão fazer a diferença entre os surdos são: a localização da lesão, a etiologia, a perda auditiva, a idade de início da surdez e o ambiente educativo da criança. Quando a lesão se localiza no ouvido externo ou no médio é denominada como deficiência de transmissão ou deficiência mista dependendo da intensidade da lesão. Quando se origina no ouvido e no nervo auditivo é dita deficiência interna ou sensorineural (estágio mais agudo da deficiência).

Outro fator a ser considerado é, segundo a Enciclopédia WIKIPEDIA online<sup>23</sup> a relação entre o limiar<sup>24</sup> auditivo e o limiar doloroso, de forma, a saber, qual o tipo de resíduo auditivo que poderá ser aproveitado para a reabilitação indivíduo surdo. O limiar auditivo corresponde ao nível de intensidade necessário para que a pessoa surda perceba o som e este limiar pode ser diferente em cada frequência. O limiar doloroso é o ponto em que a intensidade sonora produz dor à pessoa. A distância que vai do limiar auditivo ao limiar de dor é o que se chama de resíduo auditivo utilizável.

---

<sup>23</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Defici%C3%Aancia\\_auditiva](http://pt.wikipedia.org/wiki/Defici%C3%Aancia_auditiva)

<sup>24</sup> Segundo o Dicionário MICHAELIS, limiar é o nível preestabelecido que engatilha uma ação caso um sinal exceda ou caia abaixo dele, como por exemplo no caso do uso de um microfone num ambiente ruidoso, podendo ser estabelecido um limiar alto para que sejam gravado apenas ruídos sonoros.

Do ponto de vista educacional, pode-se classificar de acordo com as necessidades educativas dos alunos em: hipoacústicos e surdos profundos. As crianças hipoacústicas têm dificuldades na audição, mas seu grau de perda não as impede de adquirir a linguagem oral através da via auditiva, geralmente com o auxílio de próteses auditiva. Já os surdos profundos têm perdas auditivas maiores, dificultando bastante a aquisição da linguagem oral através da via auditiva, inclusive com a ajuda de sistema de ampliação (MARCHESI, 2004).

A perda auditiva pode ser classificada em:

Perda leve	De 20 a 40 dB
Perda média	De 40 a 70 dB
Perda séria	De 70 a 90 dB
Perda profunda	Superior a 90 dB

Em relação a educação, existem diferentes filosofias educacionais que divergem quanto a forma mais adequada de ensinar ao surdo. De acordo com Marchesi (2004), dentre estas filosofias estão:

- ⌘ **Oralismo** que acredita ser prejudicial, para o deficiente auditivo, a aquisição da Língua de Sinais, alegando que, ao ser exposta a uma língua de fácil acesso, pelo canal espaço-visual, este perderia o interesse em aprender a língua oral;
- ⌘ **Comunicação Total** que propõe uma nova maneira de perceber o surdo, sua educação e vida, passando a ser considerado um indivíduo diferente e não deficiente, sendo por isto substituído o termo “deficiente auditivo” por “surdo”, termo esse que a própria comunidade surda pede para ser chamada, afirmando não ser deficiente e sim eficiente. Esta filosofia utiliza como um dos recursos o **Bimodalismo** que é a utilização concomitante, por parte dos interlocutores, de um código oral e um manual, indo de encontro com o oralismo.

☒ **Bilingüismo**, tendo como pressuposto básico a necessidade do surdo ser bilíngüe, ou seja, este deve adquirir como língua materna a Língua de Sinais (considerada a língua natural dos surdos) e, como segunda língua, a língua oral utilizada de seu país. Mas, ao contrário do que propõe a Comunicação Total, o bilingüismo defende que a aquisição das duas línguas não devem ocorrer simultaneamente, para que as estruturas de ambas sejam preservadas.

#### 4.1. A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS

Através de material fornecido pelo INES<sup>25</sup>, pode-se dizer que a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS -, “é independente da Língua Portuguesa, mesmo sendo composta pelos níveis lingüísticos: FONOLÓGICO, SINTÁTICO E SEMÂNTICO” (SANTOS, 2005). A LIBRAS não é universal, e apresenta regionalismo assim como a língua oral. Foi regulamentada em 22 de dezembro de 2005 pelo Decreto nº 5.626.

Em décadas passadas, a comunicação dos pais ouvintes com filhos surdos era muito difícil, pois além de não saberem LIBRAS, havia uma vergonha de se comunicar através de *gestos*, *mímica*, o que gerava na não aceitação da LIBRAS como a primeira língua de seus filhos. Tal situação contribuía para o isolamento dos surdos, ficando alguns destes sem nenhuma forma de comunicação, já que não eram oralizados e desconheciam a LIBRAS.

Atualmente a visão da sociedade sob o surdo vem se modificando, mas mesmo com a criação da LEI da LIBRAS, lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que regulamenta a LIBRAS como língua oficial, ainda existe um grande embate entre a necessidade de se oralizar ou não a pessoa surda. Existem Associações de surdos que

<sup>25</sup> Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES -, atende a alunos desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, possuindo também cursos aos interessados na Língua de Sinais. Maiores informações pode ser encontradas no site do INÉS: <http://www.ines.org.br>.

lutam pela não oralização do surdo por considerarem ser uma desconstrução da identidade do surdo, o que vem levantando uma enorme polêmica.

Para que haja uma transformação da realidade, é necessário que a discussão saia da academia e adentre as escolas, já que a linguagem é fator preponderante na constituição da consciência e do conhecimento humano. Mas isto envolve iniciativa política, tal como o reconhecimento da LIBRAS, como uma língua, real, e não um simples modo de mímica.

Assim, a LIBRAS como língua tem como essência a interação verbal, tendo papel central na vida dos surdos que se utilizam dela, e, portanto, a escola e a sociedade deveria se preparar para tal situação, invés de negá-la.

## CONCLUSÃO

Há pessoas que nos falam e nem as escutamos. Há pessoas que nos ferem e nem cicatrizes deixam. Mas há pessoas que simplesmente aparecem em nossa vida e nos marcam para sempre.

Cecília Meireles

Educação Musical para surdos: Por que não há muitas pesquisas com esse enfoque?

Uma possível hipótese para o não interesse em estudos envolvendo educação musical e surdo seja o **preconceito**<sup>1</sup> (do que qualquer grupo social pode ser alvo), que estes vêm sofrendo desde o passado, onde eram considerados incapazes de ser ensinados, não freqüentando escolas, por tal motivo. Em alguns casos, a própria família é a geradora do preconceito. As pessoas surdas, principalmente as que não falavam, eram excluídas da sociedade, sendo proibidas de casar, possuir ou herdar bens e viver como as demais pessoas. Assim, privadas de seus direitos básicos, ficavam com a própria sobrevivência comprometida.

Existe ainda a polêmica sobre a integração do surdo com ouvintes nas escolas, por ser considerada uma forma negativa por parte de professores, e associações de pessoas surdas, alegando que a integração marginalizaria a linguagem de sinais, que seria necessária para a construção da identidade do surdo; a falta de formação dos professores; o não acompanhamento das informações transmitidas oralmente o que levaria a numa defasagem do aprendizado do surdo.

Vale citar que a arte, englobando educação musical, também passou por várias modificações realizadas por leis, que vem marcando a indefinição, ambigüidade e multiplicidade nos currículos escolares. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

---

<sup>1</sup> O preconceito é constituído por três elementos: primeiro, sua base cognitiva – os estereótipos; segundo, seu componente afetivo – os sentimentos negativos em relação a um grupo; e o terceiro componente é o comportamental – as ações e atitudes.

para o ensino fundamental na área de Artes são propostas quatro modalidades artísticas: artes visuais, música, teatro e dança, entretanto, não há indicações claras sobre quais linguagens artísticas, quando e como trabalhá-las em sala de aula. De tal forma, fica a critério do professor e/ou escola definir o que será focado, e infelizmente, acaba por não possibilitar o acesso às quatro modalidades. Nos PCNs para o ensino médio essa multiplicidade interna continua, pois ele diz que deve-se dar continuidade aos conhecimentos de arte desenvolvidos na educação infantil e fundamental. Devido a essa flexibilidade e a realidade das escolas brasileiras, o que acaba ocorrendo na prática é o ensino da arte ficar a cargo do próprio professor da classe ou de um professor que, por ser exigido deste uma polivalência ampla, na maioria das vezes, não possui um conhecimento mais aprofundado para trabalhar cada modalidade artística; e como consequência há casos de professores que, por exemplo, mandam seus alunos colorirem um desenho, ou que treinam músicas para datas comemorativas acreditando que com tais atitudes estão atendendo à modalidade artística.

Com base nos fatos acima, a educação musical para surdos não seja muito abordada, principalmente nas escolas regulares, por não se ter primeiramente uma certeza da presença da educação musical nestas, devido a abertura dada pela legislação; outro possível motivo seria o preconceito sofrido pelos surdos e também por haver divergências quanto à oralidade dos surdos, o que implica na aceitação da educação musical para estes.

Faz-se possível a inclusão, desde que haja um projeto educacional e curricular da escola, considerando a realidade da criança surda, vindo a educação musical a auxiliar nesta inclusão pelos benefícios citados ao longo desta monografia.

para o ensino fundamental na área de Artes são propostas quatro modalidades artísticas: artes visuais, música, teatro e dança, entretanto, não há indicações claras sobre quais linguagens artísticas, quando e como trabalhá-las em sala de aula. De tal forma, fica a critério do professor e/ou escola definir o que será focado, e infelizmente, acaba por não possibilitar o acesso às quatro modalidades. Nos PCNs para o ensino médio essa multiplicidade interna continua, pois ele diz que deve-se dar continuidade aos conhecimentos de arte desenvolvidos na educação infantil e fundamental. Devido a essa flexibilidade e a realidade das escolas brasileiras, o que acaba ocorrendo na prática é o ensino da arte ficar a cargo do próprio professor da classe ou de um professor que, por ser exigido deste uma polivalência ampla, na maioria das vezes, não possui um conhecimento mais aprofundado para trabalhar cada modalidade artística; e como consequência há casos de professores que, por exemplo, mandam seus alunos colorirem um desenho, ou que treinam músicas para datas comemorativas acreditando que com tais atitudes estão atendendo à modalidade artística.

Com base nos fatos acima, a educação musical para surdos não seja muito abordada, principalmente nas escolas regulares, por não se ter primeiramente uma certeza da presença da educação musical nestas, devido a abertura dada pela legislação; outro possível motivo seria o preconceito sofrido pelos surdos e também por haver divergências quanto à oralidade dos surdos, o que implica na aceitação da educação musical para estes.

Faz-se possível a inclusão, desde que haja um projeto educacional e curricular da escola, considerando a realidade da criança surda, vindo a educação musical a auxiliar nesta inclusão pelos benefícios citados ao longo desta monografia.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. *Glossário de bolso(a) para educadores(a)s*. São Paulo: IEditora, 2001.

AUDIÇÃO. In: DICIONÁRIO Definir. Disponível em: [http://www.priberam.pt/dlpo/definir\\_resultados.aspx](http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx). Acesso em 3 abr. 2008.

AUTISMO. In: DICIONÁRIO Digital de Termos Médicos 2007. Disponível em: [http://www.pdamed.com.br/diciomed/pdamed\\_0001\\_02883.php](http://www.pdamed.com.br/diciomed/pdamed_0001_02883.php). Acesso em 20 jun. 2008.

BARRETO, Flávio C. *Informação, Conflito cultural, Etnocentrismo*. Rio de Janeiro, 19 de jun. 2008. Disponível em: [http://www.flavioabarreto.bio.br/superior/aula\\_informacao\\_conflito\\_etnocentrismo.pdf](http://www.flavioabarreto.bio.br/superior/aula_informacao_conflito_etnocentrismo.pdf). Acesso em 27 jun. 2008.

CARPEAUX, Otto M. *O livro de ouro da história da música*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

CHARLOT, Bernard. *A Mistificação Pedagógica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CORRÊA, Maria Ângela M. *Educação Especial: v.1*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2003. 213 p.

DEWEY, John. *Vida e Educação*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1952.

DUARTE, Mônica e MAZZOTTI, Tarso. Por uma análise retórica dos sentidos da música. *Revista de Retórica y Teoría de La Comunicación*. Salamanca, ano III, n. 5, p. 61-67. Dez. 2003.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, 2004, Rio de Janeiro. *Múltiplas Faces do Cotidiano Escolar*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2003. 255 p.

FREINET, Celestin. *As técnicas Freinet da escola moderna*. Lisboa: Estampa, 1975.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Editor Eduardo Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969-80. CD-ROM.

GADOTTI, Moacir. *Pensamento Educacional Brasileiro*. São Paulo: Ática, 1995.

GELEWSKI, Rolf. *Estruturas Sonoras I*. Salvador: Nós Editora, 1973.

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. *A musicalidade do surdo: representação e estigma*. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

ILARI, Beatriz. A música e o desenvolvimento da mente no início: investigação, fatos e mitos. *Revista eletrônica de musicologia*. Paraná, v. IX, 2005. Disponível em: [www.rem.ufpr.br/REMV9-1/ilari.html](http://www.rem.ufpr.br/REMV9-1/ilari.html). Acesso em 12 jun. 2007.

LIMIAR. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <http://www.uol.com.br/michaelis>. Acesso em: 16 jun. 2008.

LOURO, Viviane dos Santos. *Educação musical e deficiências: propostas pedagógicas*. São José dos Campos: Ed. do Autor, 2006.

MANSO DE BARROS, Rita Maria e OLIVEIRA, Gilsa Tarré. As margens da pulsão. In: *O corpo do outro e a criança*. Rio de Janeiro: Letra Freudiana, 2004, p. 95-100.

MARCHESI, Álvaro. Desenvolvimento e educação das crianças surdas. In COOL, César, MARCHESI, Álvaro e PALACIOS, Jesús. (orgs). *Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais*, v.3. 2ª ed., p.171-192. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed 2004.

MED, Bohumil. *Teoria da Música*. 4ª ed. Ver. E ampl. –Brasília, DF: Musimed, 1996.

MICHELS, Maria Helena. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 406 – 423. Set/Dez. 2006.

OLIVEIRA, Tereza M. Ramos de. *É possível se pensar um trabalho de família pelo viés da psicanálise?* Rio de Janeiro, 27 jun 2008. Disponível em: [http://64.233.169.104/search?q=cache:ELYZbj2YcuoJ:www.crprj.org.br/IImostra/trabalhos/outros/E\\_POSSIVEL\\_SE\\_PENSAR\\_UM\\_TRABALHO\\_DE\\_FAMILIA.pdf+freud+fam%C3%ADlia&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=12&gl=br](http://64.233.169.104/search?q=cache:ELYZbj2YcuoJ:www.crprj.org.br/IImostra/trabalhos/outros/E_POSSIVEL_SE_PENSAR_UM_TRABALHO_DE_FAMILIA.pdf+freud+fam%C3%ADlia&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=12&gl=br). Acesso em: 03 jul 2008.

PARALISIA CEREBRAL. In: DICIONÁRIO Digital de Termos Médicos 2007. Disponível em: [http://www.pdamed.com.br/diciomed/pdamed\\_0001\\_12702.php](http://www.pdamed.com.br/diciomed/pdamed_0001_12702.php). Acesso em 20 jun. 2008.

PAREJO, Enny José Pereira. *Escuta Musical: uma estratégia transdisciplinar privilegiada para o Sentipensar*. 2008. 268 folhas. Escola de Educação, PUC, São Paulo, 2008.

PENNA, Maura. A dupla dimensão da política educacional e a música na escola: I-analisando a legislação e termos normativos. *Revista da Abem*. Porto Alegre, v. 10, p. 19-28, março de 2004.

ROCHA, Everardo. *O que é Etnocentrismo?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

SANTOS, Jurema. *Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*. 3ª Ed. revisada. Rio de Janeiro: Inês, 2005.

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiências. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 424 – 434. Set/Dez. 2006.

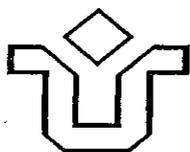
SOARES, Maria Aparecida L. *A educação do surdo no Brasil*. São Paulo: EDUSF, 1999.

SOM. In: DICIONÁRIO Definir. Disponível em:  
[http://www.priberam.pt/dlpo/definir\\_resultados.aspx](http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx). Acesso em 03 abr. 2008.

TOMATIS, Alfred. *L'oreille et la voix*. Paris : Ed. Robert Laffont, 1975.

WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WIKIPÉDIA. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal). Acesso em: 18 jun. 2008.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
 Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH  
 Escola de Educação - EE  
 Departamento de Didática - DID

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matricula: Ana Caroline da Silva Santana 120042351135

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO:

Educação musical para surdos: um caso especial?

ORIENTADOR(A): Prof.ª. Dr.ª. Rita Maria Ramos de Barros.

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: SANDRA ALBERNAZ DE MEDEIROS

Nota: 9.0 (boa)

Considerações:

A questão levantada nesta monografia  
problema uma bela discussão no campo  
da Educação Especial. Observou-se que  
o material textual disponível era escasso.  
Portanto, o esforço feito pela aluna tem  
um valor particular. Meus parabéns!

DATA: 14.07.08

Assinatura: [Assinatura]

**SEGUNDO AVALIADOR**

Professor orientador: \_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

Considerações:

---



---



---



---



---



---



---



---

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**TERCEIRO AVALIADOR**Professor de Monografia II: Janaina S.S. MenezesNota : 9,0

Considerações:

O trabalho atende à maioria das exigências para a elaboração de um texto acadêmico de caráter monográfico.

---



---



---

Data: 31/Julho/2008Assinatura: Janaina

RESULTADO FINAL			
Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final
9,0	9,0	9,0	9,0